

# Cárie dentária: cai prevalência em São Paulo

\* Paulo Capel Narvai

O “dia do cirurgião-dentista”, comemorado no último 25 de outubro, teve um sabor especial na cidade de São Paulo. Em evento para celebrar a data, no Auditório Prof. Alexandre Vranjac da Secretaria de Estado da Saúde (SES), o Dr. José da Silva Guedes, titular da pasta, anunciou os resultados preliminares de uma pesquisa sobre prevalência da cárie dentária em crianças do município. O Secretário se referiu especificamente, à idade índice de 12 anos, preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para avaliar, em termos populacionais, a situação da doença. Mesmo prudente, esclarecendo que não são ainda os resultados definitivos, afirmou: “O índice CPO-D aos 12 anos é 2,3 para crianças de escolas públicas e 1,7 em escolas particulares.” Para compreender o significado desses números é preciso considerar que a OMS estabeleceu, em 1981, metas mundiais para controle da doença em escala planetária. Para a idade de 12 anos, o valor do índice CPO-D considerado “aceitável” é menor ou igual a 3. Num levantamento epidemiológico realizado no município de São Paulo em 1986, o valor do CPO-D nessa idade foi 6,5. A queda nesse período de dez anos varia de 65% entre crianças de escolas públicas a 74% nas escolas privadas. Essas reduções tão expressivas devem mesmo ser motivo de comemoração pois trata-se de um feito altamente positivo, se considerarmos o agravamento das condições de vida nos últimos anos. Profissionais e pesquisadores que atuam nessa área há muitos anos, presentes ao ato da Secretaria da Saúde, como, entre outros Sade Jamal, Luis Octávio Guimarães e Osvaldo Buendia, veteranos batalhadores nas lutas

contra a cárie em nosso país, compreenderam de imediato o importante significado do que ali estava sendo dito.

Os dados anunciados no “dia do cirurgião-dentista” resultaram de pesquisa realizada em conjunto pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e a SES, sob coordenação do prof. Dr. Roberto Castellanos. O trabalho de campo foi desenvolvido em setembro passado e teve a participação de cerca de 50 profissionais da área odontológica, entre cirurgiões-dentistas, auxiliares, técnicos em pesquisa, estatísticos e sanitaristas. Os exames epidemiológicos foram realizados em crianças do grupo etário de 5 a 12 anos, oriundos da cerca de 120 unidades escolares, entre públicas (estaduais e municipais) e privadas.

Entre as causas prováveis dessa expressiva redução nos níveis da cárie dentária, pelo menos três podem ser identificadas com segurança:

1. Fluoretação das águas de abastecimento público - Teve início na cidade em outubro de 1985. Como se sabe, essa medida preventiva de baixo custo relativo (cerca de R\$ 0,60 per capita/ano) reduz a prevalência da doença em 60% em média. Atualmente, água fluoretada chega a aproximadamente 98% da população do município. Mesmo nas condições mais adversas, quando não se dispõe de água no domicílio, há acesso a torneiras comunitárias e o benefício preventivo se efetiva. Desde 1990 um sistema de vigilância sanitária da fluoretação está em operação no âmbito municipal e há segurança quanto à efetiva colocação de flúor na água. Pelas características sócio-econômicas e demográficas

Atualmente, água fluoretada chega a aproximadamente 98% da população do município. Mesmo nas condições mais adversas, quando não se dispõe de água no domicílio, há acesso a torneiras comunitárias e o benefício preventivo se efetiva. Desde 1990 um sistema de vigilância sanitária da fluoretação está em operação no âmbito municipal e há segurança quanto à efetiva colocação de flúor na água. Pelas características sócio-econômicas e demográficas da cidade de São Paulo, é lícito identificar nessa variável a principal responsável pela queda da cárie.

2. Dentifrícios fluorados - Desde meados dos anos 80 os dentifrícios com flúor começaram a chegar, em número crescente, às prateleiras dos supermercados. O ano apontado como ano-chave é 1988 com a adição de flúor ao produto líder de vendas. Atualmente a esmagadora maioria dos dentifrícios contém flúor. É de aproximadamente 20% de redução da cárie, a “força do método” do dentifrício apontada pelos pesquisadores. Ainda que o consumo médio no Brasil seja de apenas 5 tubos de 90 gramas per capita/ano, pode-se admitir que esse método preventivo está agindo em São Paulo e que os padrões de consumo na cidade são semelhantes ao padrão nacional.

3. Programas preventivos - As mudanças no sistema de saúde brasileiro, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), pela Constituição de 1988, tiveram impacto significativo nos programas de saúde bucal. Até então centrados nas ações curativas (extrações e restaurações dentárias, por exemplo), os programas, com a descentralização do sistema, passaram a incorporar e dar ênfase às ações preventivas. Também na cidade de São Paulo, ainda que até o momento não se tenha conseguido avançar até a completa municipalização das ações, as Secretarias de Saúde, tanto a Estadual quanto a Municipal, têm procurado priorizar ações educativas e preventivas em saúde bucal, nos seus respectivos âmbitos de atuação. A possibilidade de decidir em nível local o que fazer para evitar a cárie dentária tem dado resultados positivos em vários municípios brasileiros - e também em São Paulo. A propósito, deve-se procurar evitar que as mudanças recentes introduzidas no sistema municipal de saúde impliquem no abandono dessa orientação.

Como se pode verificar, não há um fator único agindo para diminuir a prevalência da cárie dentária na população infantil de São Paulo. São importantes e precisam ter continuidade tanto as ações de competência do poder público quanto as de responsabilidade de empresas privadas. Mas cabe, certamente, destacar o papel da fluoretação das águas de abastecimento público, sobretudo porque sua implantação, em 1985, resultou de anos e anos de lutas e não foi uma decisão fácil de ser tomada. Apesar de consolidada no plano teórico, recomendada pela OMS e por entidades odontológicas nacionais e internacionais, e praticada em vários países e, inclusive, em vários municípios brasileiros, a fluoretação teve ferrenhos opositores. Alguns silenciosos, outros estridentes. Cauteloso quanto aos desdobramentos que a medida poderia ter junto aos cirurgiões-dentistas de São Paulo, o então governador Franco Montoro, acompanhado de autoridades estaduais, inclusive o Secretário de Saúde Dr. João Yunes, esteve na sede da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD) para anunciar o início da fluoretação e, claro, sentir as reações. Felizmente, foi encorajado e estimulado a ir em frente, ignorando os opositores. Ficou evidente que eram vozes isoladas, equivocadas ou movidas por interesses menores.

Uma década depois, com 70% menos cáries nas crianças paulistanas, é hora de render homenagem aos profissionais que dedicaram suas vidas profissionais à defesa da fluoretação. Muitos anonimamente. Outros, expondo-se aberta e corajosamente. Entre estes, Alfredo Reis Viegas, ex-presidente da APCD e ex-professor da USP, falecido alguns anos depois de iniciada a fluoretação em São Paulo. Valeu sua luta, valeram nossos esforços. Agora é prosseguir sem titubear pois, apesar dos resultados, há quem continue falando em suspender a fluoretação das águas.

*Paulo Capel Narvai é  
cirurgião-dentista sanitarista e professor do  
Depto. de Prática de Saúde Pública  
da Faculdade de Saúde Pública (USP).  
Foi coordenador de Saúde Bucal da  
secretaria de Estado da Saúde de  
São Paulo (1983-85).*

Como citar este artigo:  
Narvai PC. Cárie dentária: cai prevalência em São Paulo.  
**APCD Jornal**. 1996;31(476):15.